

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**HOT BLOOD – NO CENTENÁRIO DE JANE RUSSELL**  
**9 de Julho de 2021**

**MONTANA BELLE / 1952**  
**(Flor Bravia)**

*Um filme de Allan Dwan*

Realização: Allan Dwan / Argumento: Horace McCoy e Norman S. Hall, baseado numa história de M. Coates Webster e Howard Welsh / Direcção de Fotografia: Jack Marta / Direcção Artística: Frank Arrigo, John McCarthy Jr e George Milo / Guarda-Roupa: Adele Palmer / Música: Nathan Scott / Som: Earl Crain e Howard Wilson / Montagem: Arthur Roberts / Interpretação: Jane Russell (Belle Starr), George Brent (Tom Bradfield), Scott Brady (Bob Dalton), Forrest Tucker (Mac), Andy Devine (Pete Bevins), Jack Lambert (Ringo), John Litel (Matt Towner), Ray Teal (Emmett Dalton), Rory Mallinson (Grat Dalton), Mike Ragan (Ben Dalton), Roy Barcroft, Ned Davenport, Dick Elliott, Gene Roth, etc.

Produção: Fidelity-Vogue Pictures, para a RKO / Produtor: Howard Welsh / Cópia: digital, cor, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 82 minutos / Estreia em Portugal: 28 de Abril de 1953.

\*\*\*

AVISO: Como acontece com muitos filmes de Allan Dwan, mesmo os da fase mais tardia da sua obra, de **Montana Belle** não existem, aparentemente, cópias de boa qualidade em circulação – nem mesmo em formatos digitais. A cópia que vamos ver – em formato digital – não é, por isso, perfeita, nomeadamente em termos de cor: uma das características do Trucolor (uma espécie de Technicolor para a “poverty row”) era o tom deslavado, mas vivo, das suas cores. Na cópia que vamos ver, as cores estão relativamente deslavadas (por característica) mas falta-lhes alguma vida (por defeito). Dada a raridade do filme, que aliás nunca passou na Cinemateca, e em antecipação da retrospectiva Dwan que preparamos para daqui a alguns meses, achamos que é, mesmo assim, mais útil exibi-lo do que não exibi-lo, até pela falta de garantia de que ele seja visível em melhores condições.

\*\*\*

Está bastante esquecido – a ponto de, por algumas leituras, se supor que o “binómio westerns & mulheres” é uma invenção já do século XXI – o facto de os anos 50 terem sido palco para uma pequena explosão de westerns com protagonistas femininas. Ao acaso, e não exaustivamente: o **Westward the Women**, de Wellman (em 1951), o **Rancho Notorious** de Fritz Lang (em 1952), o **Johnny Guitar** de Nicholas Ray (em 1954), o **Forty Guns** de Samuel Fuller (em 1957). Ou **Montana Belle**, de Allan Dwan (que voltaria a essa “equação” em **Woman they Almost Lynched**, de 1953, **Cattle Queen of Montana**, de 1954, **The Restless Breed**, de 1957, e mais uma vez não estamos a ser exaustivos), que é o filme que vamos ver esta noite, centrado na figura de Belle Starr, talvez a mais famosa “fora da lei” do velho oeste americano (e que também já não era a primeira vez que Hollywood evocava: Gene Tierney encarnara-a em **Belle Starr**, de Irving Cummings, em 1941, para além de ter aparecido como personagem secundária noutros filmes). Com o pequeno twist, que vale a pena assinalar, de apenas a data de estreia ser de 1952; **Montana Belle** foi rodado em 1948 e imediatamente “emprateado”, para ser recuperado quatro anos mais tarde, hiato durante o qual Jane Russell, depois do “relâmpago” de **The Outlaw**, se tornara uma estrela de primeira grandeza (e 1952 é, recorde-se, o ano de **Gentlemen Prefer Blondes**)

Puro espectáculo de série B, como toda a produção de Dwan nos últimos 15 ou 20 anos de trabalho, **Montana Belle** vive na passagem do cineasta, à entrada da última década da sua carreira, do ambiente da RKO para o ambiente da Republic Pictures e do produtor Benedict Bogeaus, para o qual, ao longo dos anos 50, Dwan trabalharia quase exclusivamente. O princípio – que começa por ser definido pelo “budget” e depois se converte numa espécie de “ethos” - era o mesmo, no entanto, razão porque **Montana Belle** se enquadra perfeitamente, sem nenhum elemento estranho, no “corpus” do período final de Dwan. Aventuras plásticas (a carburar a Trucolor, neste caso), telúricas (os cenários naturais), um espectáculo “povero” que a câmara e a encenação de Dwan filmam com um alcance minimamente transfigurador, quer dizer, como se este fosse o espectáculo mais rico do mundo. Há um texto de Louis Skorecki no *Libération* onde ele compara as cores de **Montana Belle** às cores de Gauguin: “*Vês a praia esmeralda de Montana Belle, os cavaleiros que chegam ao longe, e sabes que Gauguin teria utilizado as mesmas cores se estivesse no lugar de Dwan. É preciso filmar assim. E é o quê, “assim”? Trucolor deslavado, todo achatado, como nos primeiros dias do mundo. E o que são os primeiros dias do mundo? Era quando Griffith e Dwan filmavam os olhos das raparigas no Jardim do Éden. Elas não precisavam de dizer uma palavra para que todos soubéssemos que já estava tudo lixado*”. De certa forma, o mesmo sucede aqui - “*e quando cinco ou seis planos mais tarde Jane Russell aparece a cavalo, os olhos a lançarem clarões negros, todos sabemos que já está tudo lixado*”. Skorecki não exagera, porque este trabalho sobre “signos”, “rimas”, “premonições”, sobre um realismo convertido na sua própria versão mítica mas, ao mesmo tempo, sem nunca abandonar os territórios do real, é o que alimenta **Montana Belle**, filme que é, de facto, sobre uma história de “trouble in paradise” (as discórdias e dissensões que a presença de Belle Starr vai causar no gang dos Daltons). Excusado será dizer que estamos bem longe do “biopic”. Todas as fontes garantem que a Belle Starr do filme partilha com a Belle Starr da História apenas uma percentagem reduzida do que aqui acontece – que nunca se envolveu com os Dalton desta maneira, que nem sequer tinha, pelo contrário, a beleza que as feições de Jane Russell lhe conferem, e que a personagem do filme é muito provavelmente uma figura compósita nascida da junção da biografia de Starr à da artista de saloon conhecida como Montana, e que terá vivido na mesma época. Mas é ainda melhor sabermos disto quando vemos o aproveitamento que Dwan faz dos números de saloon de Belle Starr, o espectáculo e a mise en scène a tornarem-se elementos dominadores e prenunciadores, quase propriamente “operáticos” (um pouco como o **Rancho Notorious** e o **Johnny Guitar**, com os seus “palcos” e as suas “óperas”, filmes em cuja linhagem **Montana Belle** decididamente se inscreve). “C'est le cinéma, petit, c'est le cinéma”, dizia Skorecki a terminar a sua crónica sobre o filme. Apanhamos essa boleia.